
JOSÉ MACHADO PAIS

Instituto de Ciências Sociais da Universidade
de Lisboa e ISCTE

Nas Rotas do Quotidiano

105

Perspectivando a sociologia do quotidiano como uma sociologia "retrata-tista" — no sentido em que Simmel utilizava os seus snapshots — exploram-se os caminhos de encruzilhada entre a rotina e a ruptura, nos quais se revela a construção do social através das rotas do quotidiano. Conclui-se que as rotas do quotidiano

não obedecem a uma lógica de "demonstração", mas antes a uma lógica de "descoberta" na qual a realidade social se insinua, conjectura e indicia, através de uma percepção descontínua e saltitada do social que a sociologia do quotidiano assegura no seu vadiar sociológico.

Em inícios do século XVII alguns pintores começaram a pintar tabernas. Foi o caso de Miguel Angel de Caravaggio e de Velazquez. Que insolência, que atrevimento, que maneira subversiva de pintar! Começava o ciclo fervoroso de debates sobre a chamada "pintura de género", que designava — por oposição à "pintura histórica", isto é, "importante" — todos os géneros considerados inferiores que tinham por tema as cenas banais da vida quotidiana. Os temas religiosos passaram paulatinamente a ser banidos das telas para darem lugar a incómodos plebeus, como os que frequentavam as tabernas. Não admira que Caravaggio fosse, desde logo, considerado um "Anticristo".

As inovações de estilo afrontaram também os pactuados padrões estéticos de beleza. Até então, as cores eram utilizadas para acentuar os volumes corporais. A "iluminação" (o jogo dos claros com os escuros) era convencional, do mesmo modo que os desenhos: puras formas. Caravaggio decidiu transpor para as suas telas a iluminação real: luz de cores, em que um raio iluminava violentamente uma porção de figura ficando parte dela em negras trevas. Era pois uma

1. Da desrealização à insinuação do real

luz estupefaciente, patética, dramática, mas, acima de tudo, uma luz real.

Foi também com esta luz que, nos seus tempos de juventude, Velazquez começou a pintar tabernas, retratando-as a partir da realidade. O arrojo custou-lhe difamações, descréditos, maledicências. Velazquez passou a ser acusado de “retratista”, tomado que era o retrato como uma parapintura de valor estético duvidoso, uma manifestação secundária e residual, em oposição à arte, à verdadeira arte.

Até então, as formas “artísticas” sobrepunham-se às formas “naturais” dos objectos, desrealizando-os. As formas “naturais” eram apenas suporte para a realização das formas artísticas, através da desrealização do real. O domínio do formal tiranizava e violentava o objecto. Velazquez contribuiu para a recuperação do objecto ante as suas formas. De que modo? Acercando-se — mais que qualquer outro pintor da época — à realidade. Convertendo o quotidiano em permanente surpresa.

Com Caravaggio e Velazquez surgiu uma expressão artística que foi mais do que uma simples tentativa de realismo: tratava-se, antes, do próprio naturalismo rebelde às contemporizações ecléticas dos artistas da época, demasiado presos aos modelos do Renascimento.

Esta ânsia de acercamento à realidade, de converter o quotidiano em permanente surpresa, insinuando-o através de um naturalismo rebelde — nem sempre bem compreendido e bastas vezes tomado como insolente, atrevido ou subversivo — é um dos desígnios da sociologia da vida quotidiana.

Não é de estranhar que, como Caravaggio e Velazquez, também Simmel tenha sido apodado de “retratista” e ainda hoje continue a ser considerado um “fotógrafo amador” da realidade social, um “hábil em instantâneos” (*snapshots*) — apodo a que Simmel parece não ter renunciado pois, justamente, reivindicava esse modo de olhar a realidade (Frisby, 1992).

Para Simmel — esse pintor do social para quem a sociologia era, de resto, uma forma de arte — o que é típico encontra-se enfatizado no particular; o normal, no acidental; o essencial ou significativo, no que parece superficial ou fugaz. As observações fugazes da realidade, que constituem a essência da sociologia simmeliana, transparecem de modo ilustrativo em *Snapshots sub specie aeternitatis*, título com que Simmel encabeçava as suas contribuições no *Jugendstil*,

periódico alemão que acolhia os seus “instantâneos” sociológicos.

Snapshot significa, literalmente, a imagem momentânea de uma cena ou fragmento da realidade. Neste deslizar do olhar pelo social — nos seus aspectos mais particulares, acidentais e superficiais — o fotografar é um processo de capturar o fugaz que o olhar vagabundo do fotógrafo (ou do sociólogo) possibilita. Assim se entende que Simmel procure preservar nas suas observações da realidade aquilo que nela é único e transitório, ao mesmo tempo que dela extrai o essencial da forma, a tipicidade.

Na sociologia simmeliana, como na pintura de Caravaggio ou de Velazquez, tudo parece provisório, interino, experimental; nada nos é dado como um produto acabado ou integrado num sistema único ou totalitário. Referindo-se à sociologia de Simmel, com razão nos sugere Frisby (1992: 95): “somos ofuscados pela iluminação das partes, enquanto o todo permanece obscuro”. Com efeito, Simmel oferece-nos retratos da realidade mas abstraindo-se voluntariamente da totalidade da realidade, de modo a que os fragmentos focados pudessem ser mais bem iluminados: como acontecia com Caravaggio que, ao transpor para as suas telas a iluminação do real, contrapunha a luz das cores às trevas do obscurecido, num movimento oscilante de descobrimento e encobrimento, de revelação e de ocultação. Mas não é neste movimento de oscilação que o real se insinua? Não corresponde o acto de mostrar a um processo de centração (atenção) do olhar que implica uma descentração (desatenção) relativamente ao que circunda o centro da atenção? Enfim, porque sempre é parcial, não é verdade que o conhecimento arrasta sempre, como a sua sombra, o desconhecido?

A partir desta ambivalência do social, talvez possamos então compreender por que razão a sociologia de Simmel é uma “sociologia do talvez” — tantas são as vezes em que nos seus escritos aparecem expressões equivalentes a: “de certo modo”, “talvez”, “por um lado pode ser”, “mas também pode ser”... É como se Simmel nos dissesse: “talvez o céu seja azul”; para logo a seguir nos dizer: “talvez não seja”... dando-nos maiores possibilidades de imaginar o céu. Conhecemos esta técnica que Simmel tão bem sociologizou (Simmel, 1984): é a técnica artística da coquetaria, na qual as possibilidades negativas e positivas do coquetismo, convergentes no talvez, encerram o prazer subjectivo da sedução

(Pais, 1986a). Nesta forma de aproximação ao social, a realidade apenas se insinua, não se entrega. Mas é assim mesmo que, na perspectiva da sociologia do quotidiano, ela tem de ser imaginada, descoberta, construída.

Neste sentido, a sociologia do quotidiano é uma sociologia de protesto contra todas aquelas formas de reificação do social, animadas por uma avassaladora ânsia de possessão. Para a sociologia do quotidiano, o importante é fazer insinuar o social, através de alusões sugestivas ou de insinuações indiciosas, em vez de fabricar a ilusão da sua posse. A posse do real é uma verdadeira impossibilidade e a consciência epistemológica desta impossibilidade é uma condição necessária para entendermos alguma coisa do que se passa no quotidiano.

2. O que se passa no quotidiano?

Mesmo fazendo emergir meras silhuetas ou contornos do social através da sua alusão sugestiva em vez da sua ilusão de posse, cabe perguntar: o que se passa no quotidiano?

O quotidiano — costuma dizer-se — é o que se passa todos os dias. Mas também se costuma dizer que no quotidiano nada se passa que fuja à ordem da rotina e da monotonia. Então o quotidiano seria o que no dia-a-dia se passa quando nada se parece passar. Mas só interrogando as modalidades através das quais se passa o quotidiano — modalidades que caracterizam ou representam a vida passante do quotidiano — nos damos conta de que é nos aspectos frívolos e anódinos da vida social, no “nada de novo” do quotidiano, que encontramos condições e possibilidades de resistência que alimentam a sua própria rotura.

Detenhamo-nos, com efeito, nesta simples constatação: se o quotidiano é o que se passa quando nada se passa — na vida que escorre, em efervescência invisível —, é porque “o que se passa” tem um significado ambíguo próprio do que subitamente se instala na vida, do que nela irrompe como novidade (“o que se passou?”), mas também do nela flui ou desliza (o que se passa...) numa transitoriedade que não deixa grandes marcas de visibilidade.

O que se passa no quotidiano é “rotina”, costuma dizer-se. A ideia de rotina é próxima da de quotidianidade e expressa o hábito de fazer as coisas sempre da mesma maneira, por recurso a práticas constantemente adversas à inovação. É certo que, considerado do ponto de vista da sua regularidade, normatividade e repetitividade, o quotidiano

manifesta-se como um campo de ritualidades. A rotina é, aliás, um elemento básico das actividades sociais do dia-a-dia. No “conhecimento prático” ou “quotidiano” (Maffesoli, 1985) a rotina aparece como uma espécie de “cunha” entre as acções “inconscientes” (tomada a expressão no seu corrente sentido psicológico) e aquelas que são levadas a cabo de uma forma deliberadamente consciente. Neste sentido, o conceito de rotinarização reporta-se à prevalência de determinadas formas de conduta sustentadas por uma “segurança ontológica” (Giddens, 1986), isto é, por uma confiança ou certeza de que a realidade é o que ela aparenta ser.

109

No entanto, as raízes etimológicas de rotina apontam para outro campo semântico, associado à ideia de rota (caminho), do latim *via*, *rupta*, de onde derivam as expressões *rotura* ou *ruptura*: acto ou efeito de romper ou interromper; corte, rompimento, fractura.

Ora é nestas rotas — caminhos de encruzilhada entre a rotina e a ruptura — que se passeia a sociologia do quotidiano, passando a paisagem social a pente fino, procurando os significantes mais que os significados, juntando-os como quem junta pequenas peças de sentido num sentido mais amplo: como se fosse uma sociologia passeante, que se vagueia descomprometidamente pelos aspectos anódinos da vida social, percorrendo-os sem contudo neles se esgotar, aberta ao que se passa, mesmo ao que se passa quando “nada se passa”. Daí as maledicências e apodos que por vezes se dirigem a uma tal perspectiva analítica e metodológica. O paralelismo com o que aconteceu com a pintura de Caravaggio e Velazquez parece evidente. Do mesmo modo que as cenas banais da vida quotidiana foram consideradas um tema de pinturas de “género inferior” (os incómodos plebeus das tabernas...), também a sociologia do quotidiano é vista como uma sociologia “superficial” (facilmente seduzida pelo anódino, anedótico, inessencial) ou “indiscreta” (tentada pelo proibido, oculto, subterrâneo). Na pintura como na produção científica as inovações de estilo sempre afrontaram os padrões convencionais de observação (Khun, 1981).

As rotas do quotidiano são caminhos denunciadores dos múltiplos meandros da vida social que escapam aos itinerários ou caminhos abstractos que algumas teorias sociológicas projectam sobre o social. A sociologia do

**3. A revelação
(construção) do
social através
do quotidiano**

quotidiano cultiva, deste modo, percursos de trespasse, no sentido figurativo que o termo envolve: isto é, de “transgressão” em relação a formas de conhecimento sociológico alheias aos movimentos que quotidianamente ritmam as constâncias, variâncias e circunstâncias da vida social. É neste sentido que se pode dizer que a sociologia do quotidiano dá um passo ao lado daquelas sociologias que confundem o que medem com a própria medida, o que vêem com o modo como vêem. Um passo ao lado mas também um passo em frente (Augoyard, 1979: 7-8) em relação a certas metodologias de aproximação ao social. Um passo em frente ao admitir-se que a vida quotidiana é um tecido de maneiras de ser e de estar em vez de um conjunto de meros efeitos secundários de causas estruturais. Neste passo em frente, as “maneiras de fazer” quotidianas são tão significantes quanto os resultados das práticas quotidianas, tantas vezes analisados à margem das retóricas e expressividades próprias da vida quotidiana.

Neste percurso de “trespasse”, a sociologia do quotidiano corresponde mais a uma perspectiva metodológica (Javeau, 1991) do que a um esforço de teorização, a menos que se ressuscite a acepção antiga (de tradição grega) do termo “teoria”, que significava “panorama”, “descrição ordenada e compreensiva” — à margem das normas, leis, preceitos e regras que dominam os grandes quadros teóricos, de natureza mais explicativa.

Em que consiste a perspectiva metodológica do quotidiano? Precisamente em aconchegar-se ao calor da intimidade da compreensão, fugindo das arripantes e gélidas explicações que, insensíveis às pluralidades disseminadas do vivido, erguem fronteiras entre os fenómenos, limitando ou anulando suas relações recíprocas.

À sociologia do quotidiano interessa mais a mostraçãõ (do latim *monstrare*) do social do que a sua demonstração, geometrizada por quadros teóricos e conceitos (ou preconceitos) de partida, bem assim como por hipóteses rígidas que à força se procuram demonstrar num processo de duvidoso alcance em que o conhecimento explicativo se divorcia do conhecimento descritivo. A questão que portanto se coloca é a de saber se as “explicações” e “demonstrações” sociológicas ganham sentido heurístico ao menosprezarem os sentidos do viver quotidiano. Os conceitos e teorias devem entender-se como instrumentos metodológicos de investigação ao serviço da capacidade criadora do cientista.

Quando tal não acontece, as imagens do social que na verdade orientam os rostos em todas as direcções (como as máscaras de Picasso) são artificialmente constringidas a orientarem-se no sentido do que se pretende demonstrar ou explicar. Assim se perde o significado das “coisas mesmas” (Corvez, 1981) com que os fenomenologistas tanto se preocupam. Daí a necessidade de uma apertada vigilância epistemológica às teorias, métodos e conceitos que mais parecem moldes antecipadamente preparados a que um alfaiate desajeitado adapta laboriosamente um tecido que mal conhece — o tecido social — fazendo com que esse tecido pareça aquilo que não é.

Se há uma diferença entre uma lógica de demonstração e uma lógica de descobrimento (Nisbet, 1976), sem dúvida que a lógica da sociologia do quotidiano é a do descobrimento, da revelação — seja a revelação tomada no seu sentido místico ou fotográfico, como Simmel tão bem fez nos seus *snapshots*, ou Velazquez e Caravaggio nas suas telas de tabernas. É gerador de comichões epistemológicas este modo retratista de olhar a realidade social? Pouco importa. O verdadeiro desafio que se coloca à sociologia do quotidiano é o de revelar a vida social na textura ou na espuma da “aparente” rotina de todos os dias, como a imagem latente de uma película fotográfica.

Definimos o quotidiano como uma rota de conhecimento. Quer isto dizer que o quotidiano não é uma parcela isolável do social. Com efeito, o quotidiano não pode ser caçado a laço quando cavalga diante de nós na exacta medida em que o quotidiano é o laço que nos permite “levantar caça” no real social, dando nós de inteligibilidade ao social.

A sociologia do quotidiano não se diferencia das outras sociologias pelas realidades que privilegia, nem pelo que diz sobre essas realidades mas, simplesmente, pelo seu próprio dizer. Uma ingénua postura fenomenológica poderia arrastar-nos para a aceitação do objecto da sociologia da vida quotidiana como um objecto que lhe preexistisse quando, na verdade, as fronteiras científicas correspondem mais a perspectivas analíticas do que a terrenos de assimilação. Vem a propósito aquela história de Gordian, personagem de Voltaire, que estava persuadido de que se um pavão-real pudesse falar se vangloriaria de ter uma alma e diria que essa alma estaria na sua cauda. Ora bem, a «alma» da sociologia do quotidiano não está nos factos — os factos são o vistoso, a cauda do pavão. A alma da sociologia da vida

quotidiana está no modo como se acerca desses factos, ditos quotidianos — o modo como os interroga e os revela.

4. Um vadiar sociológico

Como vimos, a revelação do social — seguindo as rotas do quotidiano — não obedece a uma lógica de demonstração, mas antes a uma lógica de descoberta na qual a realidade social se insinua, conjectura, indicia.

Esta lógica de descoberta através dos indícios encontra-se nos quadros antigos do pintor italiano Morelli (detalhes pictóricos), em alguns fundamentos da psicanálise (os “sintomas” estudados por Freud) e no método de investigação de Sherlock Holmes. Este último constitui, na opinião do historiador italiano Carlo Ginzburg e do filósofo catalão Josep Ramoneda, o mais perfeito exemplo do “paradigma dos indícios” (Ramoneda, 1982) que se caracteriza pela paixão de penetrar as dimensões ocultas ou secretas dos submundos feitos dos desperdícios e rebotalho do pensamento logocêntrico.

Por que raio de razão são estes submundos da vida social os verdadeiros mundos da sociologia do quotidiano? Que necessidade haverá de os reciclar como os mundos das verdadeiras rotas do quotidiano?

Obviamente, o que está em causa é a recuperação dos aspectos efervescentes, espontâneos e flexíveis da vida social que não se encaixam nos rígidos modelos científicos que exigem que a mobilidade social se regule pela imobilidade das fórmulas, modelos ou quadros teórico/conceptuais que tantas vezes servem de ponto de partida aos processos de investigação. A conceptualização do social corresponde quase sempre à sua reificação. Não é verdade que, de uma ou outra forma, todas as ciências particulares buscam um certo tipo de repouso arbitrário? E não é verdade que os próprios conceitos acabam, afinal de contas, por se constituírem em asilos desses repousos?

Exilados das infra-estruturas espontâneas do social, muitos conceitos sociológicos são formas mecânicas e artificiais de revestirem o “vivo”: espécie de vestuário encobrindo epidermicamente o corpo social; crostas exteriorizadas e rígidas a espalharem a labilidade do social.

É evidente que o conhecimento do social — mesmo através das rotas do quotidiano — carrila através de conceitos, os quais constituem, por assim dizer, os vagões ou carruagens do conhecimento. Mas o investigador é o maquinista do carrilamento do conhecimento. O que acon-

tece, não raras vezes, é que os conceitos descarrilam, saem dos “eixos”, dos carris, e ficam abandonados, enquanto a realidade, em transformação, se afasta cada vez mais desses conceitos. Como recarrilar, então, esses conceitos descarrilados? Ou, melhor ainda, como fazer carrilar o conhecimento através de novos conceitos que nos permitam apanhar essa realidade posta em fuga pelas conceptualizações ragentes do social?

A própria natureza do acto de perguntar expresso nas interrogações atrás formuladas abre-nos caminho a possíveis respostas. É que toda a pergunta é um buscar. E como etimologicamente método significa caminho e como o caminho se faz ao andar, o método que nos deve orientar é esse mesmo: o de trotar a realidade, passear por ela em deambulações vadias, indiciando-a de uma forma bisbilhoteira, tentando ver o que nela se passa mesmo quando “nada se passa”. Nesse vadiar sociológico, como se adivinha, importa fazer da sociologia do quotidiano uma viagem e não um porto.

A vida quotidiana parece ter uma presença repousante, inerte, superficial. Contudo, essa superficialidade não deve entender-se como uma qualidade mas, antes, como uma situação. A situação superficial da vida quotidiana é uma situação rasa, pelo que a sociologia do quotidiano terá que rasar essa superfície, em voo baixo, de forma minuciosa, sem que a esse rés (do chão, superficial) se tenha que aprisionar. Esta sociologia rasante que é a sociologia da vida quotidiana deverá ser uma sociologia matreira, feita de “ratices” e poderia mesmo tomar por animal totem o rato: enfrentando o social, nada dele desprezando à sua passagem, interessando-se por tudo o que o seu olhar oblíquo possa agarrar; manter-se ao rés das coisas mas vê-las todas, numa obstinação miúda e picuinhas.

Aliás, é esse trotar de rato — que os historiadores tão bem exercitam nas bibliotecas, por isso são conhecidos por “ratos de biblioteca” — ao mesmo tempo saltitante e deslizando; é esse fluir terrestre feito de pequenos solavancos, de distrações e recuperações, de suspeitas e indícios, que encontramos em alguns dos mais significativos trabalhos sociológicos que seguem as rotas do quotidiano (Simmel, Goffman, Certeau, etc.). É um trotar que não perde nada correndo embora riscos de se perder no nada. Daí que uma das preocupações da sociologia do quotidiano deve ser a de procurar contínuos (“micro-macro”, por exemplo) nos des-

contínuos que percorre, no acidente das coisas que acaricia (Pais, 1984 e 1986b); uma espécie de balanço entre esse trotar ou acto de acariciar o real (de envolvimento, de comunhão), com a inevitável crispação que implica todo o acto de conceptualizar. As conceptualizações do social são sempre rangentas, pelo que acabam sempre por constituir uma crispação desse mesmo real. Atenuada, contudo, por esse constante acariciar do social que as metodologias qualitativas proporcionam, por essa percepção descontínua e saltitada do social que a sociologia do quotidiano assegura no seu vadiar sociológico. ■

Referências Bibliográficas

- Augoyard, Jean-François 1979 *Pas à pas. Essai sur le cheminement quotidien en milieu urbain*. Paris, Éditions du Seuil, 1979.
- Corvez, Maurice 1981 *La filosofía de Heidegger*. México, Fondo de Cultura Económica.
- Frisby, David 1992 *Sociological Impressionism: A Reassessment of George Simmel's Social Theory*. Londres, Routledge.
- Giddens, A. 1986 *The Constitution of Society*. Cambridge, Polity Press. 115
- Javeau, Claude 1991 *La société au jour le jour. Écrits sur la vie quotidienne*. Bruxelas, De Boeck-Wesmael.
- Khun, Thomas S. 1981 *Las estructuras de las revoluciones científicas*. Madrid, Fondo de Cultura Económica.
- Maffesoli, Michel 1985 *La connaissance ordinaire. Précis de sociologie comprehensive*. Paris, Librairie des Meridiens.
- Nisbet, Robert 1976 *Sociology as an Art Form*. Oxford, Oxford University Press.
- Pais, José Machado 1984 "Fontes documentais em sociologia da vida quotidiana", *Análise Social*, vol. XX (83), 507-519.
- Pais, José Machado 1986a *Artes de amar da burguesia. A imagem da mulher e os rituais de galantaria nos meios burgueses do século XIX em Portugal*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Pais, José Machado 1986b "Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana", *Análise Social*, vol. XXII (90), 7-57.
- Ramonedá, Josep 1982 *El sentido íntimo. Crítica del sentido común*. Barcelona, Muchnik Editores.
- Simmel, G. 1984 *On Women, Sexuality and Love*. Londres, New Haven.